



revista cristã
última chamada

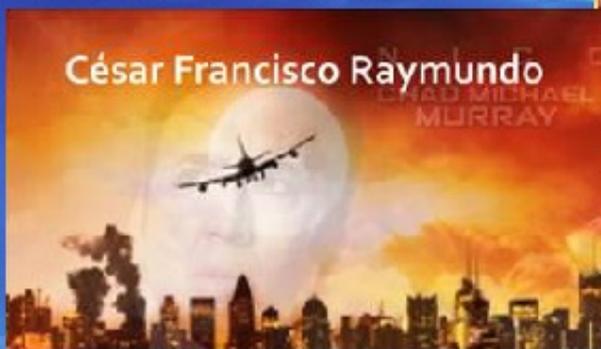
James B. Jordan

o Futuro de Israel Reexaminado

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

CRAD MICHAEL
MURRAY



DEIXADOS PARA TRÁS

Separando a Ficção
da Realidade

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

o Futuro de Israel Reexaminado

James B. Jordan

Tradução e adaptação textual por
César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

- Edição de Outubro de 2023 -

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

O Futuro de Israel Reexaminado

Autor: James B. Jordan

Título original: The Future of Israel Re-examined

by James B. Jordan

Biblical Horizons, No. 27 July, 1991

Revista Cristã Última Chamada

- Edição de Outubro de 2023 –

Capa e Tradução: César Francisco Raymundo

(Imagem de Ri Butov por Pixabay.com)

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.

É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Outubro de 2023

Londrina - Paraná

Índice

Sobre o autor	07
Introdução	08
Capítulo 1	
Preterismo	11
Capítulo 2	
Quem eram os Judeus?	14
Capítulo 3	
Transformações	17
Capítulo 4	
O Problema do Antissemitismo	23
Capítulo 5	
Antecedentes de Romanos 9-11	26
Capítulo 6	
Uma olhada em Romanos	33
Capítulo 7	
Romanos 9-10	37
Capítulo 8	
Romanos 11	40
Capítulo 9	
O Livro de Apocalipse	43
Conclusão	46
Obras importantes para pesquisa...	47

Sobre o autor

James B. Jordan é fundador e diretor da Biblical Horizons, um instituto cristão de pesquisa e publicação localizado em Niceville, Flórida. Jordan se formou na Universidade da Geórgia em 1971 com um diploma em Literatura Comparada e estudos em música e filosofia política. Depois de servir quatro anos na Força Aérea como historiador militar, ele frequentou o Seminário Teológico Reformado em Jackson, Mississippi, e terminou seu mestrado em teologia sistemática no Westminster Theological Seminary, Filadélfia. Durante a década de 1980, Jordan dirigiu o Geneva Ministries e o Centro de Estudos de Genebra em Tyler, Texas, antes de fundar a Biblical Horizons em 1988. Recebeu o grau de D. Litt da Central School of Religion, Inglaterra, em 1993.

Desde 2000, Jordan é chefe do departamento de Estudos Bíblicos no Seminário Teológico Bíblico, São Petersburgo, Rússia, onde leciona Antigo Testamento e Escatologia.

Jordan foi ordenado na Associação de Igrejas da Reforma em 1982 e serviu como pastor na Igreja Presbiteriana de Westminster, Tyler, Texas, por cinco anos, deixando o ministério pastoral em 1987 para seguir o ensino e a escrita. Ele continua a pregar como convidado em muitos tipos diferentes de igrejas dentro da ampla órbita do ramo reformado da cristandade.

Jordan é autor de vários livros, incluindo *A Sociologia da Igreja* (1986); *Através de Novos Olhos: Desenvolvendo uma Visão Bíblica do Mundo* (1988); *Criação em Seis Dias* (1999); e vários livros de exposição bíblica, incluindo comentários sobre as leis do Êxodo e os livros de Juízes, Daniel e Apocalipse, bem como vários livros sobre adoração e liturgia. Ele está atualmente trabalhando em um comentário sobre Zacarias.

- Introdução -

De acordo com quase todos os expositores bíblicos, Romanos 11 prediz uma futura conversão ao Cristianismo pelos judeus como nação. Expositores pré-milenistas veem este evento como ocorrendo durante as tribulações que eles acreditam virão pouco antes do retorno de nosso Senhor. Expositores amilenistas mantêm a mesma visão. Os pós-milenistas veem a conversão dos judeus como o evento que inaugura a “glória dos últimos dias”. Há alguns que se opõem a esta interpretação de Romanos 11. Alguns acreditam que a frase “todo o Israel será salvo” no versículo 26 refere-se à Igreja, o novo Israel de Deus. Em geral, esta visão sustenta que desde a história do Israel do Antigo Testamento é cumprido pela transformação de Israel na Igreja, é isso que versículo 26 está se referindo. Esta interpretação tem relativamente poucos defensores, no entanto, uma vez que em Romanos 9-11, “Israel” significa os judeus. É improvável que Paulo mude seu significado em Romanos 11:26. Outros sustentam que a conversão de Israel conforme descrita em Romanos 11 não é um evento, mas simplesmente aponta para o fato de que ao longo da história da Nova Aliança, os judeus estejam se convertendo ao longo do caminho, e desta forma a soma total de “todo o Israel será salvo”.

O problema com essa visão é que, ao longo da passagem, os eventos são o que estão sendo discutidos. É improvável que Paulo subitamente mude para uma generalidade em 11.26. Assim, a interpretação da “futura conversão de Israel” continua a prevalecer. Há cerca de três anos comecei a questionar esta interpretação. Parece-me muito estranho que esse é o único lugar no Novo Testamento onde uma futura conversão dos judeus é prevista.

Quase todos os livros do Novo Testamento falam da destruição de Jerusalém. Muitos falam do evangelho indo para todo o mundo e transformando-o. Muitos também falam da Vinda Final de Nosso Senhor no final da era atual. Mas em nenhum outro lugar se diz nada sobre uma futura conversão dos judeus.

Ocorreu-me que talvez Romanos 11 esteja prevendo um evento que seria futuro para Paulo, mas não futuro para nós; a saber: que Romanos 11 prediz uma conversão de muitos judeus a Cristo pouco antes a destruição de Israel em 70 d.C. Quanto mais eu pensava sobre isso, mais sentido essa interpretação fazia.

Ao compartilhar meus pensamentos com vários amigos teólogos, descobri que outros começaram a pensar na mesma linha. Fui encorajado a escrever meus novos pensamentos e publicá-los neste Boletim de Notícias.¹ Tenho sido relutante em fazê-lo, no entanto, porque muitos outros amigos propuseram fortemente a visão futurista de Romanos 11. Finalmente, porém, fui persuadido para compartilhar meus pensamentos com um público mais amplo.

É claro que durante anos ensinei a visão futurista de Romanos 11, argumentando que os judeus e todas as nações do mundo (embora não todos os indivíduos) serão convertidas a Cristo e este evento inaugurará um período de prosperidade (não de perfeição) para a cristandade. Esta é a interpretação “Puritana”, e sou seu defensor há anos. Agora não acho mais que esteja correto. EU peço aos meus colegas “puritanos” que me concedam espaço para expor meus pensamentos e considerar estas coisas comigo.

Acredito que uma visão pós-milenista, ou otimista, do curso futuro da história cristã é ensinada ou assumida em muitas passagens da Bíblia. Usei toda a segunda metade do meu livro *Through New Eyes* [Através de Novos Olhos] para argumentar que uma visão expansiva

¹ <http://www.biblicalhorizons.com/>

do reino de Deus está entrelaçada na trama da revelação bíblica. As parábolas do fermento e do grão de mostarda são suficientes para mostrar que o cristianismo está destinado a crescer cada vez mais. E tais previsões bíblicas como que todas as nações virão a Sião para receber a verdade, e que o conhecimento de Deus cobrirá a terra como as águas cobrem o mar, estabeleço em minha mente que haverá um longo período de prosperidade do evangelho antes do retorno final do Senhor. Todas as nações se converterão eventualmente, e isso inclui os judeus.

O que questiono agora é se a Bíblia prediz um tempo em que subitamente todas as nações se voltarão para Cristo, um evento culminado pela conversão dos judeus. Tudo o que vejo na Bíblia é geral progresso ao longo do tempo. Pode ser que a cristianização do mundo prossiga ao longo das mesmas linhas que tem nos últimos dois milênios, construindo gradualmente em direção à glória dos últimos dias. Por outro lado, pode haver uma crise que inaugure a idade de ouro; mas se houver, eu não acho que Romanos 11 tem algo a ver com isso.

Espero ter feito com que as mentes dos meus irmãos pós-milenistas e puritanos descansassem com esses comentários.

- Capítulo 1 -

Preterismo

Antes de prosseguir, preciso explicar aos novos leitores que estou comprometido com a abordagem “preterista” para a interpretação da profecia. A escola preterista sustenta que a maior parte das previsões do Novo Testamento dizem respeito à destruição de Jerusalém em 70 d.C.

Qualquer coisa dita como “próximo” ou “em breve” foi cumprida no primeiro século, assim como qualquer coisa conectada com sinais especiais. Mateus 24-25 deixa claro para mim que não há sinais especiais do Vinda Final; o Mestre retorna sem avisar depois de um “muito tempo”.

Em particular, os preteristas sustentam que o Livro do Apocalipse foi escrito por volta de 65 d.C., e que está principalmente preocupado com a destruição de Jerusalém. Minhas próprias palestras através de Apocalipse estão disponíveis em Biblical Horizons.² Um estudo completo da datação do Apocalipse está disponível em “Before Jerusalem Fell” de Kenneth Gentry, e um excelente comentário sobre o Apocalipse está disponível em ‘Days of Vengeance’, de David Chilton, e uma excelente introdução ao ponto de vista preterista é o ‘Paraíso Restaurado’ também de Chilton. Esses três livros estão disponíveis no Institute for Christian Economics, Box 8000, Tyler TX 75711. Como mostram minhas palestras sobre o Apocalipse, eu

² Idem nº 1.

não concordo com Chilton em todos os pontos, particularmente na sua interpretação de Apocalipse 14:14-20.

O Preterismo toma nota do fato de que o Templo e Jerusalém estão tipologicamente relacionados com a Igreja. Em Apocalipse 2-3, Jesus promete visitar e inspecionar Suas igrejas de tempos em tempos. Diz-se que cada igreja está em uma cidade. Jesus ameaça eliminar igrejas que apostataram e julgar as suas cidades. Então Apocalipse 4-19 mostra o que Jesus está falando ao descrever a destruição da igreja (Templo) na cidade de Jerusalém. Além disso, a vinda de Cristo para julgar a antiga aliança e a velha criação em 70 d.C. está tipologicamente relacionada à Sua futura vinda para julgar a nova criação no fim dos tempos. Por isso, a visão de que a maior parte das profecias do Novo Testamento foram cumpridas em 70 d.C. irrelevante para nós hoje.

Existe uma escola de pensamento que atende pelo nome de “preterista consistente”.³ Os defensores dessa visão sustentam que todos os eventos profetizados na Bíblia foram cumpridos por volta de 70 d.C., e que a Bíblia não ensina nenhuma Vinda Final de Jesus Cristo. Os “preteristas consistentes” negam a ressurreição do corpo físico, e sustentam que este mundo presente continuará para sempre e que não haverá o Juízo Final como a Igreja ensinou.

Esta visão foi proposta por alguns exegetas do século passado, principalmente por J. Stuart Russell, cujo livro ‘The Parousia’ foi reimpresso pela Baker Book House. O mais notado defensor desse ponto de vista hoje é o teólogo da Igreja de Cristo, Max R. King. A Igreja de Cristo é uma denominação em grande parte preterista, e alguns de seus teólogos fizeram um bom trabalho na área de interpretação de profecias. A maioria está muito descontente com a posição extrema de King, e dentro dos círculos da Igreja de Cristo, há

³ Nota do tradutor: o Preterismo Consistente é uma heresia também conhecida como Preterismo Completo, Hiper-preterismo, Escatologia Realizada e Escatologia Plena.

um corpo crescente de literatura argumentando contra o “preterismo consistente”. Tratei do ponto de vista “preterista consistente” em minhas palestras sobre “The A.D. 70 Question”, e minhas palestras sobre Mateus 24 podem ser consultadas sobre minha reflexão sobre esse capítulo.

Menciono King porque seu livro recente ‘A Cruz e a Parousia de Cristo’ (Parkman Road Igreja de Cristo, 4705 Parkman Road, Warren, Oh; 1978) contém uma exposição útil de Romanos 9-11. A teologia de King é muito confusa, e não posso dar uma boa recomendação para seu livro, mas descobri que sua discussão sobre Romanos 9-11 é de alguma ajuda. Já que King acredita que cada profecia do Novo Testamento foi cumprida nos eventos por volta de 70 d.C., ele naturalmente vê que Romanos 11 também se cumpriu naquela época. Neste último ponto penso que ele está certo, embora a minha interpretação de Romanos 11 difere significativamente da dele.

- Capítulo 2 -

Quem eram os Judeus?

A maioria dos cristãos pensa nos judeus como uma raça descendente de Abraão. Nesta seção deste ensaio, quero questionar essa suposição, olhando para a história de Israel no Antigo Testamento. Quando Deus chamou Abraão e o fez sacerdote para as nações gentias, Ele ordenou-lhe que usasse o sinal da circuncisão para distinguir os hebreus das outras nações. A família de Abraão naquela época incluía pelo menos 318 guerreiros (Gênesis 14:14), bem como suas esposas e filhos, possivelmente muito mais servos. Todos esses homens eram circuncidados. Vemos esses servos mencionados várias vezes no livro de Gênesis (Gênesis 26:19ss.; 32:16), e quando Jacó desceu para peregrinar no Egito, muitas pessoas foram com ele que lhe deveria ser dada toda a terra de Gósen para habitar. Gênesis 46 fornece uma lista de apenas 70 descendentes reais de sangue de Abraão que foram para o Egito. Assim, desde o início, os israelitas foram definidos pela aliança, não pelo sangue e pela raça.

O mesmo aconteceu com cada uma das tribos de Israel. Um levita não era necessariamente um descendente de sangue de Levi, mas mais provavelmente era descendente de um dos servos dos patriarcas que fazia parte da empresa de Levi. Apenas uma pequena porcentagem de levitas teria realmente sido descendentes de Levi.

Essas milhares de pessoas passaram de dois milhões na época do Êxodo, 215 anos mais tarde. Apenas uma pequena porcentagem das pessoas que saíram do Egito tinha alguma ligação racial com Abraão.

Além disso, acrescentava-se à companhia de Israel naquela época uma vasta população multidão mista, muitos dos quais se tornaram membros circuncidados da nação e, portanto, membros de tribos individuais também.

Houve outra mistura de convertidos na época de Davi e Salomão. Pense em Urias, o Hitita, por exemplo. Então, novamente, o livro de Ester nos diz que durante e após o Exílio muitos mais gentios tornaram-se judeus (Ester 8:17).

O que isto significa é que muito poucos judeus na época de Cristo tinham algum sangue de Abraão em seu sangue. Eles eram uma nação formada por aliança, não uma raça formada por sangue. Com certeza, Jesus mesmo era um verdadeiro descendente de sangue de Abraão, e Sua genealogia é importante por razões teológicas, mas poucos outros judeus conseguiram traçar sua genealogia até Abraão. O que eu procuro estabelecido por esta pesquisa é o seguinte: com o fim da Antiga Aliança, não há mais qualquer coisa como judeu no sentido bíblico, a menos que por “verdadeiros judeus” entendamos cristãos. Lá não há aliança e, portanto, não há nação, nem “raça”.

O que são, então, os judeus modernos? Os judeus modernos são pessoas que escolhem pensar em si mesmos como descendentes de Israel. A maioria dos judeus modernos não são semitas, mas são descendentes das tribos orientais europeias que se converteram ao judaísmo na Idade Média. ‘A Décima Terceira Tribo’ fornece muitas informações sobre isso. Os judeus modernos não adoram ao Deus do Antigo Testamento. Eles são humanistas seculares, ou então Talmudistas, e o Talmud não tem mais relação com o Antigo Testamento do que o Alcorão ou o Livro de Mórmon. Como o Alcorão e o Livro de Mórmon, o Talmud e a Mishná são projetados para acrescentar e reinterpretar o Antigo Testamento de modo a obliterar completamente a revelação de Deus através de Jesus Cristo (compare Lucas 24:27). O “Deus” do Judaísmo é tanto uma ficção quanto o “Deus” do Islã e o “Deus” do Mormonismo.

É inteiramente possível que não haja uma gota do sangue de Abraão em nenhum judeu moderno. Da pequena porcentagem de Israel que tinha algum sangue de Abraão no primeiro século, é possível que todos eles se tornaram cristãos ou foram mortos na Guerra Judaica de 70 d.C. Com certeza algo assim, e isso não importa nem um pouco.

Os judeus modernos são uma nação separada de pessoas com uma identidade própria, espalhada entre muitas outras nações. A analogia mais próxima deles são os ciganos. A única diferença entre os Moderno Judeus e Ciganos é que os Judeus Modernos afirmam ter uma relação com os Judeus Bíblicos, uma afirmação que afirmo que é falsa.

Uma analogia pode ajudar. Os mórmons se consideram cristãos e se autodenominam cristãos, mas eles não são cristãos. Eles são falsos cristãos. Exatamente assim, Judeus Modernos pensam que são judeus, mas não são judeus. Eles são falsificações dos judeus bíblicos. Digo isso não para menosprezá-los, mas para ser preciso. Na verdade, argumentarei mais adiante neste artigo que esta questão de tratar os judeus como especiais está diretamente relacionada com a perseguição que os judeus têm tão frequentemente experimentado.

- Capítulo 3 -

Transformações

Voltemos à história para outra abordagem sobre este assunto. Quando Deus chamou Israel para fora do Egito, a maioria das pessoas recusou-se a segui-Lo e morreram no deserto. O velho povo hebreu deixou de existir e foram transformados em Israel, seu novo nome (já discuti isso na sucessão de nomes em meu livro, ‘Através de Novos Olhos’.) O Israel que entrou na terra prometida era um novo povo composto por uma mistura de hebreus e gentios convertidos, uma multidão mista. Seus líderes eram Josué, um hebreu convertido, e Calebe, um gentio quenezeu (Gênesis 15:19; Josué 14:6). Por “conversão” quero dizer que eles entraram na Aliança Mosaica. De acordo com Números 13:6, a família de Calebe não só havia sido adotada a tribo de Judá, mas ganhou destaque nela. Este evento é diretamente análogo a situação do Novo Testamento. As peregrinações pelo deserto duraram 40 anos, assim como o período entre 30 e 70 d.C. Os judeus foram chamados por Jesus e pelos apóstolos, e muitos se converteram (isto é, eles entraram na Nova Aliança). Alguns voltaram ao judaísmo, transformando-se em judaizantes apóstatas, e como os apóstatas nos dias de Moisés, eles “morreram no deserto” por volta de 70 d.C. e as “multidões mistas” de gentios juntaram-se ao reino. Por volta de 70 d.C., era hora de entrar na terra prometida, e o antigo povo judeu que havia deixou de existir, sendo transformado em cristão, seu novo nome.

O mesmo tipo de evento aconteceu no Exílio. Um estudo do livro de Ezequiel mostrará que Deus chamou Seu povo da Judéia para o

deserto do exílio, onde habitou com eles. Foi dada ao povo uma escolha: seguir em frente com Deus ou perecer olhando e retrocedendo para os velhos tempos. Durante o tempo do exílio, como vimos, muitos gentios foram convertidos em nação. Quando o Exílio terminou e o povo regressou a Terra Prometida, o antigo Israel deixou de existir, sendo transformado em Judeus, seu novo nome.

Voltemos à transição mosaica e examinemos o fenômeno da “apostasia”. No Monte Sinai, todo o povo aceitou a nova Aliança Mosaica. Em pouco tempo, porém, um grande grupo de pessoas estava se opondo a uma das características mais distintivas do Pacto Mosaico. Durante os tempos patriarcais, qualquer homem poderia oferecer sacrifício a Deus num altar, mas a adoração do Tabernáculo estava “mais próxima” de Deus e, portanto, mais santa e perigosa. Isso é perigoso para um pecador chegar muito perto do Fogo Consumidor e, portanto, as únicas pessoas permitidas para se aproximarem do novo altar mosaico eram os sacerdotes, que foram especialmente ordenados e ungidos para este propósito. Deus proibiu todo sacrifício, exceto aquele realizado no Tabernáculo, que significava que o povo hebreu não tinha mais permissão para construir e sacrificar em altares. À medida que ficou claro que o povo havia “perdido” esse “direito”, aqueles que não perceberam que a Aliança Mosaica foi de fato mais gloriosa do que a Aliança Abraâmica haviam se rebelado.

O argumento deles era que “todo o povo é santo e todos são sacerdotes” (Êxodo 19:6) e que Moisés e Aarão estavam se exaltando sobre a congregação (Números 16-17). Eles haviam tirado inferências erradas de Êxodo 19:6 porque eles estavam se apegando aos mais velhos pactos. Este grupo de rebeldes tem um paralelo próximo com os judaizantes da era do Novo Testamento.

Os judaizantes eram pessoas que se tornaram cristãs e depois perceberam que os líderes da comunidade cristã estavam mudando as regras sobre eles. Assim como Corá, Datã e Abirão fizeram não

queriam desistir dos antigos costumes hebreus para se tornarem israelitas, então os judaizantes não querem abandonar os velhos costumes judaicos para se tornarem cristãos.

Assim como Corá e companhia acusaram Moisés e Aarão de inventarem sua própria religião, também os judaizantes acusaram Paulo. Assim como muitos dos israelitas nos dias de Moisés queriam retornar ao Egito, os judaizantes queriam retornar ao judaísmo. Esta é a “apostasia” para a qual o Novo Testamento se refere várias vezes.

Corá e seus seguidores foram mortos, e os rebeldes dos dias de Moisés morreram durante os 40 anos no deserto. As suas crenças, no entanto, continuaram a encontrar expressão em Israel. Da época da conquista sob Josué até o exílio sob Nabucodonosor, houve muitas pessoas que insistiram em adorar “Deus” em lugares altos. Eles insistiram que eles, e não aqueles que serviram o Tabernáculo/Templo, eram os verdadeiros hebreus. Eles insistiram que eram os verdadeiros filhos de Abraão, e que a terra prometida pertencia a eles. Eles adoravam a Deus, afirmavam, e da mesma forma que Abraão e os patriarcas fizeram: nos altares eles faziam e ofereciam sacrifícios. Eles alegaram que estavam preservando os velhos costumes, mas os profetas disseram que eles eram idólatras que foram corrompidos pelo paganismo.

Quão verdadeira era a afirmação dos “colocadores de alto nível”? Não era verdade. Os verdadeiros filhos de Abraão foram aqueles que aceitaram a Aliança Mosaica. Os verdadeiros donos da terra prometida eram aqueles que aderiram à nova aliança no Monte Sinai e que deixaram de lado o culto patriarcal para algo melhor. No exílio, Deus removeu permanentemente os “colocadores elevados” de Sua terra, e deu-a àqueles que seriam leis à adoração no Templo.

O mesmo acontece na Nova Aliança. Os judaizantes e aqueles judeus que não aceitariam o Jesus que foi morto e no final do período de “deserto” de 40 anos, de 30 a 70 d.C., no entanto, eles

continuaram a encontrar expressão entre os judeus que sobreviveram. Os ebionitas continuaram as heresias dos judaizantes e os judeus talmúdicos transmitiram as heresias dos fariseus. Eles insistem que eles, e não os cristãos, são os verdadeiros judeus. Eles insistem que são os verdadeiros filhos de Abraão, e que a terra prometida pertence a eles. Eles adoram a Deus, eles afirmam, da mesma forma que os judeus dos dias de Jesus fizeram: através da Páscoa e da sinagoga. Eles afirmam que eles preservam os velhos costumes, mas o Novo Testamento e a religião cristã dizem que eles são idólatras que foram corrompidos pelo paganismo.

Quão verdadeira é a afirmação do Judaísmo pós-Nova Aliança? Não é verdadeira. Os verdadeiros filhos de Abraão, e dos judeus bíblicos, são aqueles que aceitam a Nova Aliança. Os verdadeiros donos da terra prometida são aqueles que entraram na Nova Aliança com Jesus, e que deixaram de lado a Páscoa e a sinagoga por algo melhor. No Holocausto do ano 70 d.C., Deus removeu os “judeus” de Sua terra, e deu título legal a ela para aqueles que seriam leais a Ele. Perceba que os judeus modernos ocupam a terra da Palestina apenas porque o Ocidente cristão fornece dinheiro, armas, tecnologia e tratados legais. A Terra Prometida pertence aos filhos de Abraão – os Cristãos - e a única razão pela qual os Judeus Modernos estão lá hoje é porque os Cristãos os deixaram em paz.

O resultado da nossa pesquisa da história de Israel é este: os hebreus deixaram de existir quando foram transformados em israelitas. Os israelitas deixaram de existir quando foram transformados em Judeus. E os judeus deixaram de existir quando foram transformados em cristãos. A existência contínua de pessoas que se autodenominam judeus e afirmam representar a velha ordem não significa mudar esses fatos. “Judeu” é uma contração inglesa de “Judahite”, que foi o nome dado à nação sacerdotal de Deus após o exílio. Chamar a si mesmo de judeu não faz de você um judeu, e no sentido bíblico do termo judeu, não havia mais judeus depois de 70 d.C., a menos que por “Verdadeiros judeus” queremos dizer cristãos.

E a terra? Bem, considere o seguinte: suponha que nos dias de Moisés a linhagem hebraica tivesse ido até os descendentes circuncidados dos servos de Abraão e dito o seguinte: “A terra foi prometida a nós, não a vocês. Temos título legal sobre isso; vocês não”. Ou suponha que eles dissessem isso aos convertidos entre a multidão mista? É claro que eles estariam errados ao dizer isso. Todos os israelitas eram iguais no que diz respeito à sua herança (exceto os levitas).

Da mesma forma, os judeus cristãos não têm nenhum direito especial sobre a terra da Palestina. Existe apenas um tipo de cristão, e todos os cristãos estão em Cristo, e todos os cristãos têm exatamente os mesmos direitos.

A ideia de que existem dois tipos de cristãos é uma heresia satânica, que Paulo anatematiza no livro de Gálatas. Na minha opinião, a noção de que os judeus, depois de se converterem, terão uma reivindicação sobre a terra da Palestina cheira exatamente a esta heresia.

Agora, o que escrevi acima é a lógica da teologia bíblica, e é basicamente o que o Novo Testamento ensina em todos os lugares, exceto possivelmente em Romanos 11. A interpretação futurista de Romanos 11 irá contrariar o que escrevi acima, dizendo: “É verdade que quando Israel entrou, os hebreus deixaram de existir, e quando os judeus surgiram, Israel deixou de existir, como você colocou. Mas Romanos 11 revela um mistério, que é que desta vez os idosos continuarão a existir como uma nação apóstata, que um dia se converterá a Cristo. Assim, você está errado, Jim, quando você diz que os Judeus Modernos não são diferentes de qualquer outro povo. Eles são realmente especiais”.

Eu respondo: Obviamente, preciso expor Romanos 11 e defender meu caso. Mas antes de fazer isso, deixe eu dizer que o mistério de

Romanos 11:25 precisa ser entendido à luz de todo o resto do Novo Testamento que diz sobre o mistério do evangelho. Efésios 3 deixa claro que o mistério é que em Cristo não há mais distinção, como havia na Antiga Aliança, entre israelita sacerdotal e gentio não sacerdotal temente a Deus. Esse é o ponto principal do mistério. Assim, o significado do mistério vai contra qualquer noção de uma distinção contínua entre judeu e gentio. De acordo com o mistério, a única distinção que ainda existe é entre cristãos e incrédulos. A interpretação futurista de Romanos 11 tende a contradizer o significado de o mistério.

Há outro ponto que emerge deste levantamento histórico. Todo o argumento de Paulo em Romanos 11 é que a entrada dos gentios no Reino provocará ciúmes nos judeus. Isto foi possível no primeiro século, mas não é possível agora. A razão pela qual não é possível agora é que os cristãos não têm o que os judeus modernos querem. As mentes dos Judeus Modernos estão definidas por suas tradições, não pelo Antigo Testamento. Para que eles tivessem ciúmes, eles teriam perceber que os cristãos têm o Reino que esperam herdar. Isto foi verdade no primeiro século dos judeus, mas não é verdade para os judeus modernos. Os judeus talmúdicos estão procurando uma solução completamente tipo diferente de reino.

Em suma, Romanos 11 faz sentido se for aplicado ao primeiro século; não faz muito sentido se tentarmos aplicá-lo aos “judeus” desde aquela época. A aplicação válida de Romanos 11 hoje é para cristãos liberais, um ponto ao qual retornarei mais adiante neste estudo.

- Capítulo 4 -

O Problema do Antissemitismo

Antes de me voltar para Romanos 11 e seu significado no contexto da profecia do Novo Testamento, quero expor meus pensamentos sobre o problema do “antissemitismo”. Primeiro, muito poucos Judeus Modernos são Semitas, e muito poucos Semitas são Judeus, então o termo “antissemitismo” é muito enganador.

Em inglês, no entanto, “antissemita” significa “anti-judeu moderno”, e por isso vou usá-lo dessa forma.

Estou em dívida com o trabalho de René Girard pela discussão que se segue. Girard é um cristão liberal que realizou estudos maravilhosos sobre o fenômeno do bode expiatório na religião e na cultura. Não concordo de forma alguma com ele em todos os pontos, mas o seu livro *The Scapegoat* (Baltimore: Johns Hopkins Press, 1986) forneceu-me as reflexões que se seguem.

Quando os tempos ficam difíceis em uma sociedade, as pessoas procuram alguém para culpar. Elas podem se culpar e dizer “Deus está nos punindo pelos nossos próprios pecados”, mas como as pessoas são más, eles não dizem isso. Em vez disso, procuram alguém para culpar, dizendo: “Tudo estava bem até que essas pessoas apareceram. Elas são diferentes e, portanto, são criminosas e, portanto, são os culpados por essas angústias e catástrofes”.

Em tempos de angústia, as pessoas se voltam contra pessoas de fora e estranhos. Hoje, na Romênia, os ciganos são tratados desta forma. Ao longo da história, tanto judeus como ciganos foram frequentemente transformados em bodes expiatórios para os problemas da sociedade. Isso ocorre porque eles são diferentes. Eles têm suas próprias leis e costumes. Eles não se misturam bem com outras pessoas. Eles parecem desagradáveis porque seus costumes são estranhos. As pessoas suspeitam de práticas bizarras, como incesto, roubo de bebês, envenenamento de poços e coisas do gênero.

As pessoas querem se sentir superiores às outras pessoas. Eu cresci no Velho Sul, e a atitude dos lixos brancos era esta: se não somos melhores que os negros, não somos melhores que ninguém.

A razão para as leis Jim Crow era fazer com que os brancos se sentissem melhor do que os negros.

Muitos cristãos brancos instruídos não simpatizavam com essas leis, mas essas pessoas boas eram minoria. A democracia permite que o lixo governe, porque a democracia permite que os demagogos apelem à multidão. Este fenômeno também desempenha um papel na perseguição contínua de ciganos e judeus.

Mas há mais. Girard mostra que a inveja desempenha um papel importante na criação de bodes expiatórios. Os ricos são admirados e imitados pela sociedade, mas quando caem, todos correm para se gabar. Basta ler o jornal para ver como as pessoas “ricas e famosas” são tratadas quando caem. Historicamente, os Judeus têm sido um povo disciplinado e previdente, o que significa que muitas vezes tiveram riquezas, o que significa que foram objetos de inveja, embora geralmente não de admiração.

Agora, vamos trazer a catástrofe. A multidão quer alguém para culpar. Eles culpam os estrangeiros, os judeus. Eles culpam aqueles a quem querem se sentir superiores, os judeus. Eles culpam aqueles que

invejam, os judeus. Quando os tempos ficaram difíceis na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial, a multidão achou fácil perseguir judeus, ciganos, polacos, católicos e evangélicos piedosos – todas as pessoas que eram “diferentes”.

Agora, isso já é ruim o suficiente, mas agora entra outro fator. Ao contrário dos ciganos, os judeus afirmam ser a expressão racial contínua do povo escolhido de Deus. Esse tipo de afirmação é naturalmente ofensivo para outras pessoas. A situação só piora quando a Igreja acrescenta a sua voz a esta afirmação.

Em suma, defendo que, ao dar aos Judeus Modernos um lugar privilegiado na história e na profecia, a Igreja reforçou, em vez de minar, os fundamentos do antissemitismo e da perseguição. Se a Igreja tivesse sustentado firmemente que a reivindicação dos Judeus era mítica e que os Judeus não eram diferentes de qualquer outro grupo excepcional na sociedade, as perseguições contra os Judeus poderiam ter sido mais brandas. Os judeus teriam sido tratados como ciganos.

Eles ainda teriam sido perseguidos, mas talvez não tão severamente.

É claro que a única solução real e duradoura para o problema da perseguição é a Igreja realizar o seu trabalho de transformar as pessoas em seres humanos gentis e caridosos. Mas até que tenhamos um mundo cristão, haverá perseguições. Acredito que a visão futurista de Romanos 11, quer seja defendida por pré-milenistas ou pós-milenistas, distorce a compreensão que a sociedade tem dos judeus e os prepara para perseguição quando os tempos ficam difíceis.

- Capítulo 5 - Antecedentes de Romanos 9-11

Chegamos agora a uma análise de Romanos 9-11. Devido ao formato deste boletim informativo, quero simplesmente expor como vejo esses capítulos atualmente. Não tentarei discutir o caso em profundidade o tempo todo no caminho, mas a minha intenção é apresentar um argumento credível para uma visão preterista, um argumento que pode ser expandido e defendido em detalhes posteriormente.

Para entender Romanos 9-11, temos que ter em mente algumas questões básicas que muitas vezes são esquecidas pelos expositores, a respeito da origem e propósito de Israel. Deus chamou Abraão para ser um sacerdote para as nações logo após o incidente na Torre de Babel. Esses dois eventos são intimamente relacionados (compare Gênesis 11.4 com 12.2). Após o chamado de Abraão, houve dois tipos distintos de crentes no mundo: hebreus e gentios (noé) - mas este não era o propósito original de Deus. A bifurcação da humanidade teve um propósito especial e limitado: manifestar a aliança de Deus até a vinda do Messias e a restauração do mundo (Êxodo 19:6; Deuteronômio 4:6-8).

Durante a Antiga Aliança havia muitos crentes gentios que não se tornaram israelitas. Não havia razão para que um crente gentio fosse circuncidado, a menos que sentisse algum chamado de Deus para se

juntar à nação sacerdotal. Como incircunciso “temente a Deus”, ele teve acesso ao Tabernáculo (Números 15) e a todas as festas, exceto a Páscoa (para uma discussão completa, veja capítulo 2 do meu livro *A violação do sábado e a pena de morte*; e o capítulo 3 do meu livro *A Sociologia da Igreja*).⁴

No livro de Romanos, Paulo está preocupado com este mundo bipolar do início ao fim. O peso do “mistério” de Paulo é que na Nova Aliança esta bipolaridade não pode mais existir. Todos os crentes são um em Cristo. Não pode mais existir judeu, e uma vez que os gentios são definidos em relação aos judeus, não pode mais existir algo como um gentio qualquer. Só pode haver cristãos e não-cristãos. No entanto, embora esta bipolaridade fosse vencida judicialmente na ressurreição de Jesus Cristo, só foi realmente vencida mais tarde.

Assim como a salvação individual tem um começo, um desenvolvimento ao longo do tempo e uma culminação na glória, então a reconciliação de judeus e gentios como um novo homem em Cristo teve um ponto de início no Pentecostes, um desenvolvimento durante o período do Ínterim, e uma culminação no ano 70 d.C.

O chamado de Israel o tempo todo era para ministrar as promessas de Deus aos gentios. Isto é o que Abraão foi chamado para fazer, e nós o vemos fazendo isso. José fez isso. Moisés casou-se com uma etíope. Sansão ofereceu casamento a um filisteu. Davi converteu a cidade filisteia de Gate. Elias foi para uma viúva gentia. Eliseu curou um soldado gentio de “lepra”. Assim, não é surpresa que quando Jesus aparece em cena, como o Verdadeiro Israelita Ele ministra aos Gentios, alertando Israel em Lucas 4:18-30 que eles podem muito bem perder o privilégio de serem sacerdotes.

⁴ Idem nº 1.

O Cristo ascendido, como o Verdadeiro Israel, envia o evangelho aos gentios. No dia de Pentecostes, o evangelho foi pregado em todas as línguas, exceto o hebraico, um sinal de que o Verdadeiro Israel estava indo *embora* sobre Seu trabalho sacerdotal. Contudo, isto era também um sinal de que o mundo babélico estava a ser superado, e se não houver mais uma maldição babélica, não há mais necessidade de um sacerdote nação de Israel. Lembre-se, os dois andam juntos. Como Paulo deixa claro em 1 Coríntios 14:21-22, falar em línguas foi um sinal para Israel de que sua história havia acabado porque seu propósito havia sido realizado pelo Verdadeiro Israel.

Ainda era necessário, no entanto, que os judeus crentes e os gentios crentes estivessem unidos como um só, sendo pessoas em Cristo. Como mencionei, isso foi efetuado judicialmente em 30 d.C., mas a restauração do mundo levou algum tempo. Os acontecimentos que levaram ao ano 70 d.C. e o fim do mundo babélico/judaico nos julgamentos de Roma e de Jerusalém trouxe sobre o preenchimento de ambos gentios e Israel, e terminou em uma colheita de gentios e crentes judeus. O resultado final deste processo foi que, depois de 70 d.C., a bipolaridade deixou de existir.

A razão pela qual esta bipolaridade teve de ser superada é que o corpo dilacerado da raça humana é uma forma de morte. O julgamento disperso de Deus sobre Babel foi uma manifestação de morte, e a continuação da presença de judeus e gentios no mundo manifestava a presença da morte. Assim como o corpo físico do indivíduo morre se for feito em pedaços, o mesmo acontece com o corpo político. A dispersão feita por Deus em Israel no Exílio, e Seu reagrupamento na Restauração, é retratado como morte e ressurreição em Ezequiel 11:17; 22:15; 36:19; 37:1-28. O reagrupamento ressurreto de Israel por Deus superou a divisão do julgamento da nação em duas metades (Ezequiel 37:15-22), um tipo da futura união de judeus e gentios.

Um homem alugou suas roupas para simbolizar a ruptura, identificando-se com a morte. Da mesma forma, roupas rasgadas poderiam simbolizar a destruição do corpo político (1º Samuel 15:27-28; 1 Reis 11:30-31). Imagens como essas estabelecem a correlação conceitual entre morte e morte política, ambas por dilaceração, e levam a uma correlação entre ressurreição e ressurreição política. A morte individual acontece quando a vida (alma, personalidade) é arrancada do corpo, e a ressurreição individual acontece quando o corpo é revivido. A morte política acontece quando uma sociedade é dilacerada, dispersa. A ressurreição política acontece quando uma sociedade é reunificada.

Dois outros pontos precisam ser observados. Primeiro, Ezequiel 37 estabelece para nós que é somente os crentes que experimentam a ressurreição no sentido positivo. São os crentes Efraim e Judá que está reunido na ressurreição de Ezequiel 37. Da mesma forma, são crentes judeus e gentios que estão reunidos no evangelho da Nova Aliança.

Segundo, durante o período entre o reinado de Roboão e a Restauração do Exílio, o crente Efraim e o crente Judá foram mantidos separados por Deus. Foi necessária a ação de Deus para reuni-los depois do Exílio. Da mesma forma, depois de Babel, era a vontade de Deus que os judeus cressem e os gentio estarem em órgãos políticos separados. Foi necessária a ação de Deus para reuni-los depois da Cruz.

Quaisquer divisões e separações dentro da comunidade crente hoje não são causadas por qualquer ato judicial de Deus, e são culpa exclusiva dos cristãos pecadores.

O propósito do evangelho não é simplesmente a salvação individual, mas também a salvação cósmica. O corpo político da humanidade tem de ser restaurado. A reunião de crentes judeus e

crentes gentios em um só corpo desfazem o julgamento de morte de Babel e, portanto, é uma ressurreição política.

Esta ressurreição ocorreu no ano 70 d.C., como uma manifestação da ressurreição de Jesus Cristo em 30 d.C., e como uma antecipação da eventual ressurreição física de todos os crentes no Último Julgamento.

Depois de 70 d.C. o evangelho não traz mais mensagem de reconciliação entre judeus crentes e crentes gentios. Essa reconciliação foi realizada de uma vez por todas. Babel foi desfeita. Agora o que a Igreja deve fazer é chamar todos os homens para si, para se reconciliarem com Deus.

Em outras palavras, a obra de reconciliar todas as coisas com Deus tem dois estados. A primeira etapa, durante o ínterim (30-70 d.C.), reconcilia a Igreja consigo mesma. A Igreja do Antigo Testamento, que tinha duas empresas diferentes, está gradualmente unida durante o Ínterim. O segundo estado, depois de 70 d.C., é a reconciliação de toda a humanidade com Deus. Durante ambas as fases, aqueles que recusam a reconciliação podem desenvolver-se e são eventualmente julgados. Assim, o acórdão Jerusalém em 70 d.C., porque ela se recusou a se reconciliar, é um tipo de julgamento final sobre a humanidade impenitente no Juízo Final.

No ano 70 d.C. o mundo babélico/judaico foi morto e ressuscitado em Cristo como o Reino Unificado, a Igreja. No Juízo Final, toda a história da humanidade será condenada à morte e ressuscitada no Reino Eterno. O primeiro tipifica o último, e ambos são históricos resultados da morte e ressurreição de Jesus Cristo no nível cósmico-político.

Assim, em todo o Novo Testamento há uma expectativa constante de que Cristo virá em breve para emitir um julgamento sobre a Igreja e sobre a antiga ordem babélica/judaica. Ele está “perto”, “na porta”,

“em breve”, porque são os “últimos dias”, até mesmo a “última hora”. Jerusalém será destruída, assim como a Besta Romana, e a Igreja produzirá uma colheita de primícias. Este evento dará início à Nova Aliança numa plenitude nunca antes vista, porque agora, finalmente, os resíduos da Antiga Aliança desaparecerão. Os eventos que cercaram o ano 70 d.C. aconteceram “em Cristo”, como um sinal da conclusão de Sua obra. “Em Cristo”, tanto a Igreja Provisória quanto a do mundo babélico/judeu morre e “em Cristo” a Igreja é ressuscitada. Esses acontecimentos ilustram natureza da obra subsequente de Cristo ao longo das eras futuras até Seu Retorno Final.

A falha em compreender o contexto babélico da história de Israel resulta numa falha em entender o propósito das línguas no Novo Testamento, e uma falha em entender a transição histórica que ocorreu entre 30 e 70 d.C. Deus julgou Babel porque se as pessoas estivessem unidas, nada lhes seria negado (Gênesis 11). Jesus ora para que Suas pessoas seriam unidas, para que nada nos fosse negado (João 17). Foi necessário para que os crentes Judeus e Gentios superem a bipolaridade da Antiga Aliança e sejam unidos, antes que o Evangelho pudesse realmente avançar com todo o poder. Depois de 70 d.C., com judeus e gentios unidos numa só Igreja, nada nos pode ser negado, a menos que escolhamos, pelo nosso pecado, ser desunido. Depois de 70 d.C., não existe mais nenhuma desunião histórica instituída por Deus em operação.

Precisamos recuar mais um passo nesta discussão antes de passarmos para Romanos. A bipolaridade de Judeus e Gentios surgiu por causa do pecado na Torre de Babel, mas o que o tornou possível para Deus fazer isso foi o desígnio do mundo em primeiro lugar. O Jardim do Éden, na Terra do Éden, era o centro do mundo, com outras terras a jusante dele. Separado do pecado, o mundo deveria ter sido unido por um santuário geograficamente central. Por causa do pecado, que a unidade mundial foi destruída, e a bipolaridade do Éden e das Terras Distantes tornou-se uma expressão da morte. A

destruição do Templo e de Jerusalém em 70 d.C. pôs fim a todo essa primeira criação removendo o santuário geograficamente central. Agora o santuário está com Cristo no céu, e não há centro na terra; ou melhor, existem tantos centros quantos são igrejas.

Por esta razão, Jesus disse que a destruição de Jerusalém pagaria por todos os assassinatos desde o de Abel (Mateus 23:35). Todos os profetas assassinados pelo povo de Deus em Sua terra, desde o assassinato de Abel no Éden adiante, seriam colocados em Jerusalém (Apocalipse 18:24, “terra” = “terra [de Israel]”). Por implicação, todos os assassinatos fora da terra, desde Lameque em diante (Gênesis 4:23), poderiam ser colocados sobre a Besta. Todo o mundo bipolar da primeira criação seria destruído.

- Capítulo 6 -

Uma olhada em Romanos

A Carta aos Romanos não é uma peça de teologia sistemática. Está cheio de teologia sistemática, mas essa teologia é apresentada para demonstrar um ponto bíblico-teológico. Nós ficamos aquém de uma compreensão de Romanos se tudo o que vemos nele for uma discussão sobre justificação, santificação, eleição e vida santa, com um “pequeno parêntese sobre os judeus” colocado no meio. Uma compreensão completa de Romanos precisa levar em conta que a preocupação histórica-redentiva abrange todo o resto. Justificação, santificação, eleição e vida santa são implicações da vinda do Reino, e são expostas em Romanos para deixar claro que a Vinda do Reino supera a distinção Judeu/Gentio e cria Um Novo Homem em Cristo.

Paulo começa em Romanos 1 dizendo que seu ministério é para os gentios, embora o evangelho seja para os Judeu primeiro (Romanos 1:13-16). O evangelho é necessário por causa da queda do homem na idolatria (Romanos 1:17-32).

O evangelho é a revelação da justiça de Deus neste momento da história (Romanos 1:16-17). Romanos diz respeito às implicações dessa revelação, que inclui o perdão dos pecados, a ressurreição do homem interior, a vinda do Espírito e, culminando, a ressurreição da ordem política do mundo.

Todos os homens estão sob julgamento, mas na Antiga Aliança os gentios poderiam ser salvos se confiassem em Deus e seguissem Seus

caminhos à parte da Lei, enquanto os judeus foram salvos se confiassem em Deus e seguissem Seus caminhos revelados na Lei. Além disso, o crente fiel gentio Noé tinha uma verdadeira circuncisão interna, enquanto o judeu infiel negou sua própria circuncisão externa (cap. 2). Em outras palavras, no que diz respeito à salvação, o judeu não tinha nenhum lugar especial na ordem da Antiga Aliança.

Então, por que os judeus existiram? Eles foram designados para ministrar os oráculos de Deus como sacerdotes para as nações (Romanos 3:1-8). Esses oráculos de Deus eram a Palavra da Lei do Antigo Testamento. Além de uma relação viva de fé com Deus, no entanto, a Palavra-Lei apenas matou os homens ao condenar eles. A relação viva de fé, que existia provisoriamente na Antiga Aliança, tornou-se agora em sua plenitude por causa da obra de Jesus Cristo. Esta relação de fé estabelece a Palavra-Lei numa esfera de vida em vez de morte (Romanos 3:9-31).

Na Antiga Aliança, a relação de fé era algo que judeus e gentios tinham em comum, como vemos pelo fato de que Abraão tinha isso como um crente de Noé antes de ser circuncidado (cap. 4). Os benefícios da vida ressurreta, vistos na abertura do ventre morto de Sara, vieram à tona tanto para judeus como para gentios através do relacionamento de fé.

Um dos propósitos da Lei, considerado em termos histórico-redentores, era colocar os pecadores para morrer. Mostrou aos homens a sua necessidade de ressurreição, e assim apontou para a necessidade do relacionamento de fé. A Lei surgiu num contexto de morte, não apenas a morte que veio do pecado de Adão, mas também do contexto político de morte que resultou da divisão entre judeus e gentios. A lei nunca poderia superar essa morte política, porque fazia parte dela. Somente quando a divisão entre judeus e gentios foi superada através da ressurreição, a Lei pôde ser restabelecida de uma forma na esfera da vida. Aqueles que estão unidos a Cristo através da

ressurreição têm uma nova visão positiva na relação com a Lei (caps. 5-6).

Sendo ressuscitados dentre os mortos, não estamos mais sujeitos à força assassina total da Lei, vista especialmente nas leis da impureza e do sacrifício, mas como ainda somos pecadores, a parcialidade da força mortífera da Lei ainda é necessária para a nossa mortificação e santificação pessoal (cap. 7). A Lei ajuda a mostrar-nos a nossa maldade, purifica-nos e leva-nos a Cristo na busca por experiência renovada de vida ressurreta. A obra do Espírito Santo serve continuamente para livrar-nos do velho mundo da carne para o novo mundo da vida ressurreta (cap. 8).

Obviamente, examinei esses capítulos apenas superficialmente, mas fiz isso para mostrar que Paulo está preocupado desde o início com a bipolaridade judeu-gentio, de modo que a ideia que Romanos 9-11 seja um parêntese é um absurdo. Romanos 9-11 leva adiante a redenção com temas históricos de Romanos 1-8. Romanos 9-11 mostra o resultado da ressurreição em sua dimensão política, a superação da ordem babélica pela reunião dos judeus crentes e crentes gentios em um só corpo. O clímax de todos os primeiros onze capítulos é o Amém no final do capítulo 11.

Então Paulo aplica seu tema. Nos capítulos 12-13 ele aplica o fato de que agora somos um corpo em Cristo para uma vida justa na Igreja e no mundo. Nos capítulos 14-15 ele aborda o conflito que existia na Igreja Provisória entre judeus convertidos e gentios convertidos. Os judeus tendiam a querer que os gentios ficassem sob a Lei, tendência que se espalhou entre os judaizantes apóstatas. Os gentios, regozijando-se finalmente por estarem no Reino em igualdade de condições, tendiam a reagir contra os crentes judeus e a maltratá-los. Este foi um problema exclusivo da Igreja Provisória, embora, claro, a Igreja Pós-Holocausto enfrente problemas semelhantes e assim esses capítulos ainda são muito relevantes para nós hoje. O argumento de Paulo aos romanos é este: a noite está

quase acabando e o dia está próximo, então tenham paciência uns com os outros por enquanto, porque em poucos anos esta fase da história redentora terminará (Romanos 13:11-12).

Se olharmos agora para Romanos 9-11, podemos ver que Paulo está preocupado com aqueles crentes gentios que estavam reagindo contra os crentes judeus. Ele os adverte para não desprezarem a Oliveira, e diz-lhes que a história de Israel ainda não acabou. Existe atualmente, diz ele, um remanescente em Israel, e antes que Jerusalém seja destruída, muitos judeus serão salvos e haverá uma grande colheita. Ele diz que este “cumprimento” de Israel trará um grande benefício para os crentes gentios, pois será uma ressurreição política que finalmente vencerá a bipolaridade entre judeus e gentios para sempre (Romanos 11:12).

- Capítulo 7 -

Romanos 9-10

Paulo começa falando dos deveres e privilégios de Israel. Somente em Romanos 9-11 Paulo usa o termo “Israel”, enquanto em todas as outras partes de Romanos ele usa o termo “Judeu”. A palavra “Judeu” está associada ao Pacto da Restauração e era o termo peculiar para o povo daquela época, pois a Nova Aliança substituiu a Aliança da Restauração. Em termos sociais e políticos, a bipolaridade na Igreja do Novo Testamento era entre judeus e gentios. Paulo vai de volta ao termo “Israel” aqui porque sua ênfase está no chamado dessas pessoas para serem sacerdotes das nações, um chamado tornado mais explícito na época da Aliança Mosaica, que foi quando o termo “Israel” substituiu [o termo] “hebreus” como o nome dessas pessoas. Paulo está dizendo que a relação especial de Israel com as nações ainda não acabou. Jerusalém continua a ser o centro do mundo até 70 d.C.

Paulo então passa para uma discussão sobre o Remanescente. Nem todo israelita era um verdadeiro israelita, pois ser membro do verdadeiro Israel nunca foi uma questão de raça, mas de chamado e eleição (Romanos 9:6-13).

O Remanescente está para a nação ímpia como Jacó está para Esaú e como Israel está para o Egito. A recusa da entrada de Israel na Nova Aliança é análoga à recusa do Faraó em ouvir a Deus. Assim como Deus ressuscitou Faraó, então Ele ressuscitou Israel. Deus tratou com Faraó mostrando-lhe misericórdia entre cada praga, com

o resultado de que Faraó ficou cada vez mais duro contra Deus. Da mesma forma, Israel tornou-se cada vez mais difícil sob os julgamentos que Deus infligiu sobre ela ao longo da história da Antiga Aliança. Cada vez que Deus retirava Seus julgamentos, Israel ficava pior do que ela era antes (Romanos 9:14-18).

O Remanescente confessou prontamente que Deus era o Oleiro e eles eram o barro (Isaías 64:8). Eles estavam prontos para mudar sob as mãos remodeladoras de Deus e entrar na Nova Aliança.

O Israel apóstata, porém, resistiu a Deus e tornou-se um vaso quebrado, que daí em diante não servia para nada, mas para usos impuros (Romanos 9:19-22). Deus estava misturando o barro macio do remanescente com os gentios e fazendo um pote novo e mais glorioso (Romanos 9:23-26). Lembre-se, o homem é feito de terra, então o barro é uma analogia da grávida.)

Durante este ínterim, porém, o Remanescente ainda existia e tinha uma função. Eles ainda não tinham que tornar-se completamente mesclado com os gentios na Igreja. O Remanescente dentro de Israel Protegeu Israel da ira. Deus estava disposto a poupar Sodoma se apenas dez pessoas justas fossem encontradas nela. Jerusalém é chamada de Sodoma (e Egito) em Apocalipse 11:8, e Paulo diz que é um Remanescente em Sodoma que a preserva (Romanos 9:27-29). Quando o Remanescente fugir, e o resto for morto, então Sodoma não terá mais proteção. O Homem do Pecado não será mais contido (2ª Tessalonicenses 2).

Em Romanos 10, Paulo argumenta que a Lei deveria tê-los levado à fé. Romanos 10:4 diz que Cristo é o objetivo da Lei, para que qualquer pessoa que guardasse a Lei com fé fosse conduzida a Cristo.

O versículo 5 diz que qualquer pessoa que guardasse a Lei com fé encontraria vida, e os versículos 6-11 expandem esse pensamento. O

versículo 6 deveria começar com “e”, não com “mas”. A palavra grega é um conectivo simples, *ho* de, não o adversário, *alla*.)

Qualquer pessoa que realmente entendesse a Lei, diz Paulo, veria que a salvação é pela fé, tanto para o Judeu e para o Grego (Romanos 10:11-13). A tarefa peculiar do Judeu (Israelita) era ser um pregador para os gentios (Romanos 10:14-15). Deus enviou profetas a Israel para que Israel fosse fiel, e tornando-se fiel, seria ministra para os gentios. Quando Israel se recusou a cumprir a sua vocação de ser sacerdote das nações, Deus levaria Sua mensagem diretamente aos gentios, a fim de provocar Israel (Romanos 10:16-21).

Levar o evangelho aos gentios foi planejado para deixar Israel “ciumento” (Deuteronômio 32:21; Romanos 10:19). Este termo é neutro. Num sentido positivo, o ciúme de Israel deveria levá-los de volta ao Senhor. Num sentido negativo, o ciúme de Israel faria com que eles ficassem furiosamente irados com Deus, Seus profetas e os gentios convertidos. Quando Jesus mencionou isso em Lucas 4, Sua cidade natal tentou matá-lo. O livro de Atos mostra que o ministério de Paulo entre os gentios foi tratado da mesma maneira (cf. especialmente Atos 21:28ss.).

No início de Romanos 9 e 10, Paulo expressou que seu desejo pessoal era ver Israel salvo. Seu ministério entre os gentios, embora planejado para o bem deles em si, também foi projetado para provocar Israel (cf. Romanos 11.13-14). Durante o período provisório, este ministério provocador foi caminhando. Isso não está acontecendo hoje. Os judeus modernos não ficam nem um pouco provocados pelo fato de que os não-judeus acreditam no Evangelho. Os judeus modernos ficam irritados com a conversão dos judeus, não quando os “gentios” se convertem. A este respeito, os Judeus Modernos são como qualquer outro grupo não-cristão. Isso é forte evidência de que Romanos 9-11 se preocupa apenas com os primeiros dias da Igreja.

- Capítulo 8 -

Romanos 11

Paulo retorna ao Remanescente em 11:1-10. Ele diz que atualmente ainda existe um Remanescente de Israel. Ele é um desses, diz ele. Ele aponta de volta para Elias. A nação pode ter se destruído nos dias de Elias, exceto os 7.000 Remanescentes.

O Remanescente e a sua obra provocadora terão o efeito de deixar os Judeus “invejosos”. O fato de que o evangelho foi para os gentios, e eles estão herdando as riquezas do Antigo Testamento e suas Promessas, não é a última palavra. Paulo revela que a obra do Remanescente dará frutos entre os israelitas, para que Israel experimente uma “plenitude” (v. 12). Quando esta “plenitude” acontecer, será “vida dentre os mortos” – ressurreição (v. 15). Voltaremos a isso em um momento.

Tendo estabelecido que Israel tem um futuro, Paulo exorta os crentes gentios a não dominá-lo sobre Israel. Assim como os judeus não devem dominar os gentios na Igreja, também não devem os gentios desprezarem os Judeus. Deus havia enxertado os gentios na linhagem patriarcal da Oliveira, mas em breve Ele enxertará Israel de volta, formando Uma Nova Árvore (Romanos 11:16-24).

Os versículos 25-26 dizem que o endurecimento parcial do Israel apóstata durará até a plenitude dos gentios entrar, e então todo o Israel (não apenas o Remanescente) será salvo.

Assim, primeiro vem a plenitude dos gentios e depois a plenitude de Israel. O que isto significa? No contexto, acredito que a plenitude dos gentios tem que significar a transferência das riquezas para eles, conforme mencionado no versículo 12. Essa transferência de tesouros ocorreu durante o ínterim, e isso é visto particularmente na conclusão do cânon do Novo Testamento, porque o Novo Testamento interpreta e aplica (transfere) o Antigo Testamento para a situação da Nova Aliança. A plenitude não se refere apenas às palavras, mas também à conclusão da formação da Igreja da Nova Aliança, que era uma grande parte do próprio Paulo (provocando Israel) em sua missão. Assim como o Israel da Antiga Aliança deveria ministrar aos gentios pregando e obedecendo à lei de Deus, a Igreja gentia da Nova Aliança deveria ministrar a Israel pregando a Nova Aliança no Testamento e viver em retidão. Assim como os gentios da Antiga Aliança admirariam Israel se ela fosse fiel (Deuteronômio 4:6-9), por isso era necessário que os gentios da Nova Aliança fossem fiéis em para atrair Israel para a Igreja. Esta inversão de papéis pode ser parte da razão pela qual Jerusalém é chamada de Babel no livro do Apocalipse.

Por que esta plenitude dos gentios teve que acontecer primeiro? Porque só então a plenitude da provocação será possível. A presença da Igreja da Nova Aliança e a sua verdadeira interpretação das Escrituras Hebraicas teve o efeito de remover gradualmente o véu que repousa sobre as palavras de Moisés (2ª Coríntios 3), que foi apenas o resultado da destruição do Véu do Templo que aconteceu na morte de Cristo. Quando a Igreja foi totalmente formada e as Escrituras concluídas, então o véu foi totalmente removido e a provocação ao ciúme atingiu o seu ponto mais desenvolvimento intenso.

O objetivo da provocação era a salvação de Israel. É verdade que para muitos a provocação resultou em ira, mas para outros resultaria em arrependimento. Paulo diz que no futuro (o futuro deles, não o nosso), este trabalho provocador daria frutos. Não apenas um

Remanescente, mas “todo o Israel” se voltaria para o Senhor. Neste ponto, Judeus e Gentios seriam finalmente Um Novo Homem em Cristo, e esta seria a ressurreição política do mundo que eliminaria a bipolaridade entre Babel e Israel.

- Capítulo 9 -

O Livro de Apocalipse

Paulo não descreve em detalhes como isso aconteceria, mas podemos ver no Livro de Apocalipse o que realmente aconteceu. Uma discussão completa desta história exigiria que nos aprofundássemos em Josefo e outros escritores antigos. Por enquanto, quero apenas mostrar como o Apocalipse delinea a profecia paulina.

O Apocalipse diz respeito ao julgamento da Antiga Criação, tanto Judaica como Gentia. Desde o Éden Jerusalém é o centro do mundo, o livro está centralmente preocupado com Jerusalém, mas também dedica atenção à Besta Hvilá-Romana. Toda a ordem da Antiga Aliança bifurcada será demolida.

Acredito que Apocalipse 7 mostra a salvação do remanescente judeu e do gentio no início da Igreja. Os 144.000 são o Remanescente, e a grande multidão das nações é a “mista multidão” que os acompanhou para fora do Egito do Judaísmo rebelde (cf. Apocalipse 11.8). Estes estão selados contra as manifestações iniciais de ira contra Jerusalém e o mundo.

Acredito que Apocalipse 10:7 aponta para o que Paulo chamou de plenitude dos gentios, pois diz que o mistério de Deus se completou. Neste ponto, torna-se necessário que João pregue novamente, desta vez para trazer a plenitude de Israel. Imediatamente nos é mostrado o

ministério das duas testemunhas em Jerusalém e seu martírio. Aqui está o ciúme e a ira derramada contra aqueles que provocam Israel, mas o resultado das mortes das testemunhas é que muitos temeram e deram glória a Deus (Apocalipse 11:13; cp. Atos 5:11-14). Isto, creio eu, é a “plenitude de Israel”. Imediatamente somos informados de que o mundo se tornou o reino de Cristo (Apocalipse 11:15).

Apocalipse 12 e 13 voltam para fornecer contexto para o que se segue, que é a colheita desta Igreja Cumprida. Com base nos meus estudos sobre o Abominável da Desolação, parece-me que o martírio das duas testemunhas é o Sacrilégio Desolador, ou pelo menos parte dele. Neste ponto, muitos dos Remanescentes fugiram de Jerusalém e foram salvos (Apocalipse 12:14).

Os novos convertidos, a Plenitude, ficaram presos em Jerusalém. Eu acredito que eles são vistos em Apocalipse 14:1, estando com o Cordeiro no Monte Sião. Enquanto esses crentes permaneceram em Jerusalém, a cidade não poderia ser destruída. Portanto, eles tiveram que ser colhidos primeiro. A colheita destes santos é simultaneamente o enchimento do cálice da ira de Jerusalém, pelo massacre destes santos Paulo não descreve em detalhes como isso aconteceria, mas podemos ver no Livro de Apocalipse o que realmente aconteceu. Uma discussão completa desta história exigiria que nos aprofundássemos em Josefo e outros escritores antigos. Por enquanto, quero apenas mostrar como o Apocalipse delineia a profecia paulina.

Os anjos colhem a colheita da Plenitude (14:14-20). Chilton e outros erram ao ver isso como uma imagem da ira de Deus contra os ímpios. Vemos a plenitude no céu com Deus em Apocalipse 15. Eles foram fiéis até a morte. O sangue deles é o vinho da ira de Deus, que Ele fará seus assassinos beberem (Apocalipse 14:10). A plenitude se junta ao seu Senhor fora da cidade (Apocalipse 14:20), são privilegiados de se juntar a Ele no martírio (Colossenses 1:24).

O sangue destes mártires é colocado em cálices e derramado sobre Jerusalém, para a sua destruição (Apocalipse 15:7; 16:1-21). A cidade é vista bebendo esse sangue, levando para si a morte que visitou sobre eles (Apocalipse 17:6).

É minha opinião que o martírio da Plenitude de Israel é o que traz à tona a “vida dos mortos” de que Paulo falou em Romanos 11. Assim, após a destruição de Jerusalém, estamos mostrando que Satanás, que estava na terra durante o ínterim (Apocalipse 12:9, 12), é lançado no abismo para que não engane mais as nações. A Igreja volta à vida, sentada em tronos e governando com Cristo durante o milênio, que começa nesse ponto (Apocalipse 20:1-6). Esta inicial ressurreição dos santos é uma antecipação da ressurreição final que ocorrerá no fim da história.

Uma nota de rodapé: a visão reformada atual é que o milênio é toda a Era da Igreja, seja no céu ou na terra, a partir de 30 d.C. Mas, nesse caso, como pode o milênio terminar antes da apostasia final [Apocalipse 20.7ss.]? Se estou certo ao dizer que o milênio começa com a política ressurreição de 70 d.C., isso explicaria por que o milênio termina antes da segunda vinda de Cristo, com a libertação de Satanás. O milênio está delimitado em ambos os lados por curtos períodos durante o qual Satanás não está preso no abismo.

Conclusão

Nestes breves ensaios, obviamente não abordei todas as questões relacionadas a esse assunto. Eu tenho procurado defender uma visão preterista de Romanos 11. Acho que é um caso muito credível, e estou bastante convencido disso. O preenchimento dos dados terá que esperar para outra ocasião.

Se Romanos 11 se cumpriu no primeiro século, terá alguma utilidade para a Igreja hoje? Eu acredito que sim. A questão que Paulo estava abordando pode ser generalizada para abordar uma questão comum hoje. Os israelitas endurecidos eram aqueles que herdaram a tradição da fé, mas não a viviam. Eles são análogos aos cristãos ortodoxos liberais e mortos de hoje. Certamente é verdade que tais pessoas ficam muito ofendidas pelos cristãos fiéis. Eles são provocados pelo ciúme e pela ira, e fazem de tudo para perseguir aqueles que demonstram sua fé de papelão pelo que ela é. A admoestação de Paulo ao longo de todas as suas cartas, porém, mostra-nos como lidar com essas pessoas. Devemos ser ainda mais fiéis e amorosos nos nossos próprios círculos, porque quanto mais visível se torna a nossa própria “plenitude”, melhor se torna o nosso testemunho. Assim como a plenitude dos gentios eventualmente levou à plenitude de Israel, também a plenitude das Igrejas fiéis hoje pode e irá levar à plenitude das comunidades cristãs liberais e ortodoxas mortas e infiéis.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org

